

Sobre a importância da proposição do Ato Psicanalítico em Jacques Lacan

*Fernanda Souza Adami**
*Carlos Henrique Kessler***
*Christian Ingo Lenz Dunker****

Resumo

Este artigo pretende investigar a proposição lacaniana do ato psicanalítico e sua potencial relevância para a teoria psicanalítica. Para tanto, recorreremos às considerações tecidas no décimo quinto ano do seminário de Jacques Lacan, bem como às menções do autor sobre o tema em seu seminário do ano anterior e os dois subsequentes. *O Ato Psicanalítico* (1967-68) é apresentado no ano de 1967 e pretende formalizar a teoria do significante no que tange a sua dimensão de corte e ultrapassamento por inauguração de uma nova posição frente ao desejo, permitindo assim, o agenciamento do objeto *a* como causa. Desde aí, a proposição aparece como ponto irreduzível da operatividade da psicanálise, por sua perspectiva transformativa de abertura contingente.

Palavras-chave: PSICANÁLISE; ATO PSICANALÍTICO; OBJETO *a*.

On the importance of the proposition of a Psychoanalytic Act in Jacques Lacan

Abstract

This article aims to investigate the Lacanian proposition of the psychoanalytic act and its potential relevance for psychoanalytic theory. To this end, we will go to the considerations made in the fifteenth year of Jacques Lacan's seminar, as well as the author's mentions on this subject in his seminar from the previous year and the two subsequent ones. The Psychoanalytic Act (1967-68) is presented in 1967 and aims to formalize the theory of the signifier with regard to its dimension of cutting and overcoming by proposing a new position in relation to desire, thus allowing the agency of the object *a* as a cause. Since then, the proposition appears as an irreducible point of psychoanalysis' operativeness, due to its transformative perspective of contingent opening.

Keyword: PSYCHOANALYSIS; PSYCHOANALYTIC ACT; OBJECT *a*.

*Psicanalista. Mestranda, Programa de Pós-graduação Psicanálise: clínica e cultura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS);

ORCID ID: <http://orcid.org/0000-0002-4767-4278>

E-mail: fernandasouzaadami@gmail.com

** Psicanalista. Professor associado, Programa de Pós-graduação Psicanálise: clínica e cultura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

ORCID ID: <http://orcid.org/0000-0002-1318-641X>

E-mail: carloskessler@yahoo.com.br

*** Psicanalista. Professor titular Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica, Universidade de São Paulo (USP); Pós-doutor, Manchester Metropolitan University;

ORCID ID: <http://orcid.org/0000-0001-7335-4561>

E-mail: chrisdunker@usp.br

Sobre la importancia del concepto del Acto Psicoanalítico en Jacques Lacan

Resumen

Este artículo tiene como objetivo investigar la proposición lacaniana del acto psicoanalítico y su relevancia potencial para la teoría psicoanalítica. Con este fin, iremos a las consideraciones hechas en el decimoquinto año del seminario de Jacques Lacan, así como a las menciones del autor sobre el tema en su seminario del año anterior y los dos posteriores. El acto Psicoanalítico (1967-68) se presenta en 1967 y tiene como objetivo formalizar la teoría del significante con respecto a su dimensión de corte y superación al inaugurar una nueva posición en relación con el deseo, permitiendo así la agencia del objeto *a*. Desde entonces, la proposición aparece como un punto irreducible de la operatividad del psicoanálisis, debido a su perspectiva transformadora de apertura contingente.

Palabras claves: PSICOANÁLISIS; ACTO PSICOANALÍTICO; OBJETO *a*.

O ato é fundador do sujeito.
Jacques Lacan

No ano de 1967, após ter apresentado um seminário sobre a operação lógica estrutural do sujeito a partir da fantasia, Jacques Lacan propôs, para o espanto de muitos, como ele mesmo observou, uma elaboração sobre o que chamou Ato Psicanalítico. Este artigo pretende percorrer algumas das questões tratadas naquele seminário, bem como destacar a relevância do conceito na obra lacaniana, tendo em vista que este contribui fortemente para formalizar o que é mais próprio da experiência psicanalítica: a escuta do inconsciente sobredeterminada pela sua condição de falta-a-ser.

À luz desse e de outros conceitos, esperamos fazer um percorrido que localize historicamente a elaboração sobre o ato em Lacan, destacando, contudo, seu interesse para a intervenção clínica quando apresentado junto ao conceito de objeto *a* naquilo que tange ao percurso de uma análise sob transferência.

Algumas Considerações Sobre O Antes

Lacan anunciou o seu décimo quinto seminário no dia 21 de junho de 1967. No ano anterior, havia desenvolvido suas considerações sobre a lógica da fantasia e para tanto, tomou o ato sexual como referente ao destacar a dimensão falha na tentativa de “fazer um”. Encontramos em Lacan que “um ato é ligado a determinação do começo, e muito especialmente, ali onde há a necessidade de fazer um, precisamente porque não existe” (Lacan, 2008a[1966-1967], p.75). Observemos o quanto esta proposição aponta para a perspectiva daquilo que falta. É pela tentativa de restituição do imaginariamente perdido, tentativa esta que remete ao campo da fantasia, que fica evidente a falha no encontro com o outro.

Com esta afirmação, Lacan pôs em relevo a impossibilidade de relação complementar em jogo no exercício da sexualidade. O ato sexual, na medida em que sempre falha, é o ato falho por excelência. A lógica da cena fantasística, evidencia a troca estabelecida pela queda do objeto, vazio em substância, atuante pela falta que causa.

Consideramos esse prenúncio muito importante, pois ele dá a ver por onde Lacan caminhou ao propor o ato psicanalítico como tema do ano seguinte em seu ensino, bem como o quanto esta formulação traz em seu bojo, a função de teorizar sobre o limite, a fronteira no campo das simbolizações.

O Ato

Já em suas primeiras considerações, Lacan (2001[1967-1968]) se preocupou em fazer uma distinção entre o ato psicanalítico e a ideia de ação associada à motricidade. Em oposição à eficácia de um fazer, caráter próprio da ação ligada à condição de necessidade, temos a operatividade da psicanálise pela via da contingência; onde a dimensão significativa fica em destaque, preservando sempre um caráter de malsucedido, de fracasso, de impossibilidade de dizer tudo.

O fracasso aponta para a direção do vazio ao qual somos constituídos, conferindo desde aí, um cunho de negatividade à estrutura psíquica. Neste sentido, a noção de objeto *a*, à qual Lacan se refere como tendo sido sua grande contribuição à psicanálise, tem o papel de dar forma discursiva ao não representável da estrutura.

Esse conceito está profundamente imbricado com a noção de ato, dado que aparece como o ponto vazio, o resto não simbolizável da estrutura. Por ser vazio, torna-se a impressão de uma falta e por isso mesmo, mantém sua função de causador do desejo. O objeto *a* está no horizonte de todo ato psicanalítico uma vez que existe apenas em potência e por isso mesmo, permite ao movimento desejante, sua constante reinvenção.

Podemos destacar das primeiras lições de *O Ato Psicanalítico* (Lacan, 2001[1967-1968]), que Lacan tinha como modelo do inconsciente aquilo que se presentifica no ato falho. O ato falho, tal qual proposto por Freud, como um “ato psíquico” do qual pode se deduzir um objetivo não imediatamente apreensível pelo sujeito, mas que comporta uma verdade irruptiva capaz de confrontar o desejo à demanda.

Ao se referir ao conceito de ato, Lacan ilustra sua apresentação com o momento da travessia do rio Rubicão por Júlio César, na Roma antiga. A lei do território proibia o exército de atravessar o rio que separava a Gália Cisalpina da cidade romana, no centro da Itália. Insignificante do ponto de vista geográfico, o rio demarcava uma fronteira simbólica e, uma vez que foi franqueado por César e seu exército, violou-se a lei estabelecida.

É do rompimento da determinação da ordem simbólica que um antes e um depois se inaugura também na estrutura subjetiva. E aquele que sai desse rompimento, sai marcado pela condição da experiência do inconsciente, como César ao atravessar as fronteiras da lei. A colocação em ato do inconsciente, o “isso faz” (Lacan, 2001[1967-1968], p.11), determina efeitos, produz consequências; seja do ponto de vista constitutivo ou na reedição desta lógica através do processo analítico.

Como podemos ver em Kessler (2009):

A análise, no sentido proposto por Lacan (1967-1968) no Seminário 15, teria como finalidade o reencontro, através da experiência da transferência, com o objeto *a*, encarnado no analista. Uma certa forma, então, de retomada deste momento constitutivo, para que a formação sintomática - estabelecida originalmente como solução ao devotamento do sujeito a esta busca de completude - possa ser contingente, não mais necessária (Kessler, 2009, p.108).

Como bem avisados da característica do ensino de Lacan e considerando seu estilo, podemos observar que o mesmo, apresentou a palavra ato (*acte*) dentro da polissemia a que esta se presta. Articulou a dimensão daquilo que se inaugura, do novo; mas também, ao se referir à formação do psicanalista, àquilo que amarra, que ata; no sentido de uma escrita que pretende registrar um fato ocorrido. Sua acepção ao analista como produto de uma análise viria a ser especialmente contemplada nesta formulação. Logo mais, voltaremos a este ponto.

Neste momento, gostaríamos menos de sublinhar a questão da formação, que de permitir concentrar-nos na perspectiva indeterminada que se apresenta na tomada do ato como um corte

capaz de suspender as certezas do sujeito na direção de um novo posicionamento frente ao desejo. Lacan destacou, nos anos de 67 e 68, a importância da ruptura discursiva que provoca uma descontinuidade, fazendo aparecer assim, um buraco operacional que mantém o movimento desejante em curso. O elemento posto em cena com o objetivo de elevar um gesto ao estatuto de ato é a intervenção do analista, que acaba por se inscrever-se nesta montagem discursiva.

Não podemos entender a noção de ato analítico sem contemplar minimamente a noção de discurso. Apesar de entrar na recorrente discussão (Dunker, 2011; Goldenberg, 2019) de se a proposição acerca dos discursos (Lacan, 1991/1992) supera ou não a noção de ato analítico, gostaríamos de, retroativamente, tomar suas considerações justamente para evidenciar aquilo do qual se trata o ato: uma contribuição, queremos crer, extremamente válida hoje em dia.

Toda noção de discurso em psicanálise pressupõe um entendimento da concepção de linguagem que para Lacan (1966/1998), era a gramática mesma do inconsciente. Se, como nos é apresentado, o ato em psicanálise é tudo aquilo que cai da possibilidade de recobrimento discursivo, pensá-lo a partir do que falha discursivamente, do que fracassa, permite destacar sua importância no conjunto da obra.

Essa obra não é passível de ser entendida sem a articulação dos quatro elementos que tantas vezes vimos nas elaborações lacanianas: o significante primordial (S1), acrescido daqueles que dão sequência à cadeia (S2), ainda o sujeito barrado (\$) pela submissão à castração e o objeto vazio em sua essência chamado objeto *a* (*a*).

A fundação de um sujeito se dá a partir de um significante desde o qual vai se contar. Este irá se articular aos significantes em sequência (S1, S2, S3... Sn). Essa condição coloca para a psicanálise uma perspectiva de divisão do sujeito a partir da operação do recalque primário, tal qual postulado por Freud.

É preciso, no entanto, destacar que este sujeito não se conta apenas pela articulação dos significantes sequencialmente determinados, mas sim e principalmente, pelo intervalo que surge entre um e outro na cadeia. Isso se mostra por via das diferentes perturbações desta ordenação significativa na linguagem; perturbações estas, que Freud veio a chamar, formações do inconsciente. É justamente onde falha a cadeia associativa, através dos atos falhos, lapsos de memória, sonhos, por exemplo, que o sujeito surge como um efeito do mecanismo de recalque.

O ato falho para Lacan (2001[1967-1968]), era o próprio modelo do inconsciente. O que surge da claudicação da linguagem revela o desejo na sua condição mais primordial. Trata-se de poder escutar o que surge como furo na superfície do discurso. Por isso mesmo, o ato põe em relevo o que não é passível de recobrimento pela linguagem. Seu alcance se daria sempre *a posteriori* e, mesmo na tentativa de teorizá-lo, já se pressuporia uma simbolização do não simbolizável. Nesse sentido, ingressamos no campo do real, o qual Lacan teoriza como o fora do discurso, o indizível; que pela condição de não simbolizável e não imaginizável, torna-se o impossível que sempre reaparece ao sujeito, sem se fixar.

Seguindo o curso da lógica quaternária, temos o fato de que esse sujeito só se pôde sustentar discursivamente através da linguagem porque houve outro: eis aqui o terceiro elemento, que o antecipou, também discursivamente. Ele, o sujeito, se coloca necessariamente orientado pela linguagem a partir de um desejo suposto a este outro (também faltante) e na medida em que se tenta conformar a este desejo, está posta a dimensão do fantasma (*fantasme*, termo optado por Lacan), ou seja, a fantasia fundamental que dá conta de uma função defensiva a partir da lógica desejante.

O conceito de fantasma foi articulado primordialmente por Lacan no seminário que antecede a comunicação sobre o ato analítico. Nele, podemos cotejar os primeiros desdobramentos que dariam conta de apresentar o ato da perspectiva significativa, mas já com uma virada considerável para a formalização do inconsciente a partir das matemáticas.

Lacan (2008a) salienta:

Posso aqui apenas indicar ligeiramente - (...) - que o importante não está na definição do ato. Quero dizer: do que resulta do ato como mudança de superfície. Pois, se falei há pouco da incidência do corte na superfície topológica - (...) - se, após o ato, a superfície é de uma outra estrutura em tal caso, (...) eis o que vai para nós propor modelos (se quiserem) para distinguir o que é da incidência do ato, não tanto na determinação, mas nas mutações do sujeito (Lacan, 2008a[1966-1967], p.204).

E segue ainda:

O ato então é o único lugar onde o significante tem a aparência - a função em todo caso - de se significar ele mesmo. Quer dizer de funcionar fora de suas possibilidades. O sujeito está, no ato, representado como [grifo nosso] divisão pura (Lacan, 2008a[1966-1967], p.205).

Dessa forma, o significante aparece como puramente contingencial, não vinculado a um ordenamento pré-estabelecido. Evidencia o fato de que o discurso é um efeito do real produzido tão somente a partir da interrupção na cadeia. O corte, ao longo do tratamento, não faz emergir o que estava lá, mas, sim, constrói um novo caminho, produz outro posicionamento.

Por isso mesmo, não há ato analítico fora do campo da transferência. É preciso que outro interprete ou corte (o corte também configura uma interpretação) a cadeia significante para que uma nova superfície advenha. Como em uma banda de Möebius, em sua unilateralidade (onde não há um direito e um avesso), um corte estabelece uma descontinuidade capaz de precipitar uma nova face.

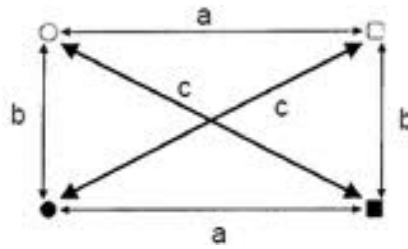
Valendo-se disto, podemos ainda salientar, uma interlocução direta com o *Cogito* cartesiano. “Penso, logo sou/existo” foi a máxima determinante que orientou o caminho (ou descaminho, neste caso) para a dimensão de descentramento captada pelo ato psicanalítico. Lacan (2001/2003) subverte a máxima cartesiana quando afirma que pensar não é condição de existência e que a produção mesma do sujeito do inconsciente está naquilo que não se presta à simbolização.

Por isso mesmo, a tarefa do psicanalista está no ponto em que o analisante aparece enquanto sujeito, aparece como “não pensante”. Ao escutar de um lugar outro (daquele que foi atravessado pela experiência analítica), resta advertido da dimensão falha da linguagem e, portanto, capaz de cair do lugar ideal ao qual foi colocado. Diante de um saber suposto, o analista pode responder, colocando o objeto causa de desejo no comando.

Deste lugar, podemos depreender que o discurso do analista (Lacan, 1991/1992) não é habitado por alguém, ele é uma posição de enunciação, que tendo sido tensionado pelo não representável do ato, emerge capaz de se orientar pela condição de falta-a-ser e isso marca a escuta profundamente.

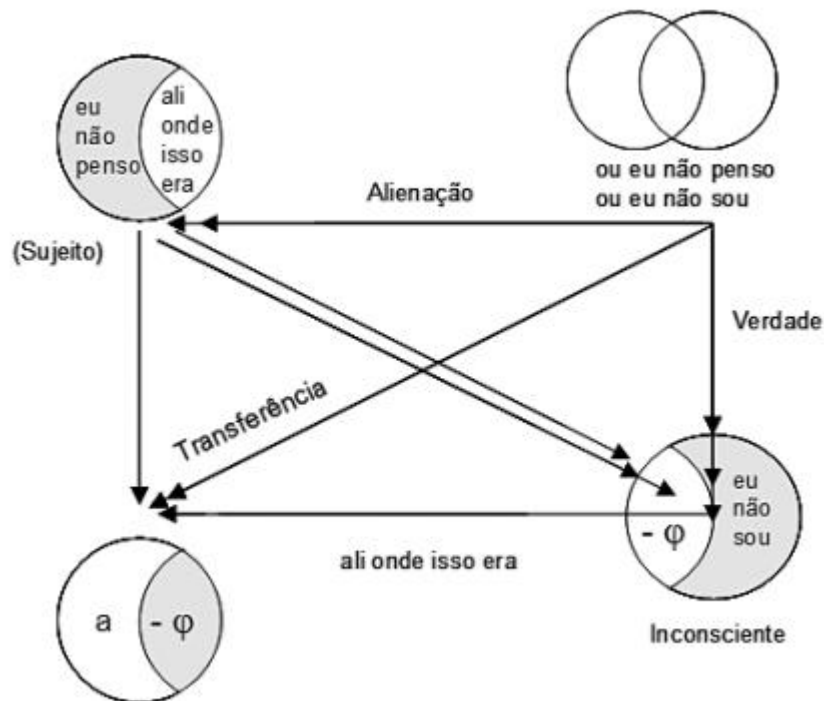
Encontramos consideravelmente desenvolvida no décimo quinto seminário de Lacan, a ideia do psicanalista como uma “produção” ou efeito do ato. A análise é ali apresentada como aquilo que autoriza a passagem de analisante à analista. Desta operação também deriva um corte e uma interpretação. Ao analista é atribuída a função de sustentar a transferência fazendo suporte ao sujeito suposto saber.

Prosseguimos então, na apresentação da noção de ato analítico, com a figura do grupo de Klein:



Fonte: O grupo de Klein (Recuperada de <http://ebookbrowse.com/barbut-pdf-d116120630> (Acesso livre)

O grupo de Klein, uma estrutura matemática proposta por Marc Barbut (1966), matemático e epistemólogo francês ligado à *École Pratique des Hautes Études*, foi tomado por Lacan (2008a[1966-1967], p.133) desde o seminário anterior, pela necessidade de formalizar a função de transformação que o ato comporta. Novamente, como tantas outras vezes, a lógica quaternária se faz presente e o destaque é dado pela relação combinatória que o grupo estabelece.



Fonte: LACAN, J. O Ato Psicanalítico (2001[1967-68] p.80).

O ser, o pensar, o objeto a e o $-\phi$ (menos *phi*; “lugar em que se inscreve a hiância própria ao ato sexual” (Lacan, 2001[1967-1968], p.83) articulam-se operativamente de forma que podemos depreender destes movimentos, as operações de alienação e separação, bem como a transferência e a verdade do inconsciente posta em jogo pela livre associação.

Do ponto localizado acima e à direita (ou eu não penso, ou eu não sou), temos, partindo para a esquerda, o vértice da alienação, ou seja, o ponto inicial, onde no início do tratamento, está posto o desejo do analista sustentando uma abertura para o inconsciente. Uma “escolha forçada” (Lacan, 2001[1967-1968], p.79), que demarca a radicalidade da posição ética na psicanálise, “uma decisão diante do indecível” (Torres, 2010, p.180). Deste movimento, dá-

se como um efeito, a dimensão do sujeito em direção ao impasse promovido pela extração do vazio do objeto que tem por função causar o desejo, conjunto abaixo e à esquerda na figura.

Aqui se recupera a proposição cartesiana tomada como ponto de exclusão entre o pensar e o existir. Para Lacan, é justamente pela intersecção entre estes dois elementos, que pelo atravessamento da dimensão inconsciente, o sujeito aparece em sua incompletude. *Lá onde isso era/estava* pode advir a criação a partir do ato. Assim como no corte da banda de Möebius, a operação decorrente deste caminho, na forma em que é tomada por Lacan, não é reversível como na proposição original de Barbut (1966). Ela aponta na direção da queda do objeto e sustenta a condição faltante como constituinte, posicionando o sujeito frente à sua divisão.

Por último e não menos importante, gostaríamos de dar destaque especial ao fato de que Lacan invocou o campo da poesia, de maneira muito ilustrativa, ao explicitar qual seria a fórmula do ato psicanalítico. Na lição do dia 10 de janeiro de 1968, a citação do poeta Arthur Rimbaud o ajudou a falar sobre o *initium*, sobre o que seria, em psicanálise, “suscitar um novo desejo” (Lacan, 2001[1967-1968], p.77).

Através de um poema intitulado *Uma razão*, Lacan demarcou a importância do que chamou, ato revolucionário. Não aquele que se presta à eficácia da guerra, mas justamente aquele que movimenta, que rompe com o instituído; aquele que põe em causa, o inconsciente pela passagem a um novo discurso. O poema nos diz:

Um toque de seus dedos no tambor detona todos os sons e inicia a uma nova harmonia.

Um passo seu é o levante de novos homens e sua marcha.

Sua cabeça se vira: o novo amor! Sua cabeça se volta, – o novo amor!

“Mude nossa sorte, livre-se das pestes, a começar pelo tempo”, cantam estas crianças. “Não importa onde, eleve a substância de nossas fortunas e desejos”, lhe imploram.

“Semeia não importa onde a substância de nossas fortunas e desejos”, pedem-te.

O sempre chegando, indo a todo canto (Rimbaud, 2003[1886], p.14).

Neste trabalho, entendemos como pertinente perguntarmos o que Lacan pretendia quando se utilizou desse recurso. Como já dissemos acima, o lacanismo questiona as bases do racionalismo cartesiano, assim como Rimbaud em suas considerações e seus posicionamentos. Um prenúncio de resposta poderia esboçar-se pelo quanto Lacan desejava destacar que a psicanálise parte, sim, de uma razão, mas não daquela que foraclui a dimensão do sujeito e se pretende universal.

Se formos ainda mais longe, parece que não à toa temos um artigo indefinido no título da poesia. Talvez pudéssemos interpretar essa indefinição justamente como a importância da categoria negativa de sujeito na teoria lacaniana. A partir dela, a reinscrição no campo das ciências se daria com atenção profunda para a divisão subjetiva no seu aspecto mais fundamental.

Prosseguindo com o que pretendemos destacar no seminário mencionado, Lacan (2001[1967-1968]) utiliza esse poema para acentuar que o ato carrega consigo a necessidade de suscitar algo novo. Não apenas a poesia, como também a figura de Rimbaud, ilustra um aspecto de rompimento com o instituído. Segundo Carreira (2014):

O poeta convida e estabelece uma torção no eixo do amor num sentido ainda mais radical, (...) para Lacan, o *Novo amor* nada mais é do que o signo da emergência de um novo discurso, indicando um novo laço social, inédito e original. (...) Ao acompanharmos os passos do poeta, bem como os de Lacan, encontramos o desejo de semear o desejo (Carreira, 2014, p. 21).

Desde este lugar, o psicanalista ocuparia a função de fazer semblante à causação do desejo, possibilitando a emergência de algo que não estava dado até então e que permitiria ao sujeito se haver com o insabido de seu sintoma. Dessa torção, derivaria o sujeito advertido como um efeito. Aquele que, marcado pela divisão subjetiva poderá se haver com a perspectiva contingente de sua história de vida. O inconsciente, assim como a poesia, está posto pelos efeitos que produz. Organizado não só como efeito de sentido, mas também e principalmente, como furo, como vazio causador.

Da Interrupção Ao Discurso

Por ocasião dos eventos de maio de 68 em Paris, movimento este que teve a greve geral dos estudantes e trabalhadores como estopim e que culminou em uma série de protestos, Lacan interrompeu seu ano de ensino solidariamente ao manifesto, mas também, queremos propor, para dar vistas, através da experiência, ao que estava chamando de ato.

Em *Paradoxos do Ato Psicanalítico*, capítulo assim nomeado pelo estabelecimento do texto na tradução brasileira, a lição de 4 de junho de 1969 em *De um Outro ao outro*, traz a menção ao seminário interrompido. Nela, o autor admite ter ficado “truncado” o que havia desenvolvido anteriormente. Com a afirmação de que “era para não dizer”, Lacan acentua aquilo que falha com a interrupção de um discurso. Em suas próprias palavras:

No outro sentido, (...) é apenas acidental que os acontecimentos tenham interrompido o que eu pudesse ter a dizer sobre o ato, o que também não deixa de representar algo que, de minha parte, considero um certo encontro. Não o deploro, porque isso me dispensou de vir dizer sobre o tema do ato psicanalítico o que, em síntese, era para não dizer [grifo nosso] (Lacan, 2006/2008b[1968-1969], p.330).

Isto permitiria entendermos o fracasso naquela acepção que mencionamos acima, o fracasso no sentido do que falha e por isto mesmo, relança. Desde este ponto de vista, o seminário do ato psicanalítico seria a condição mesma para o desdobramento dos preceitos psicanalíticos.

Na lição destacada acima, podemos recolher a seguinte frase: “a psicanálise nos revela que a dimensão própria do ato (...) é o fracasso” (Lacan, 2001[1967-1968], p.334). Fracassar neste caso é a condição inerente para a inauguração de um novo caminho, “uma nova razão” para estarmos com Rimbaud.

A partir dos elementos que compõem a proposição, podemos depreender que Lacan, ao interromper o seminário, estava apontando para a dimensão de fracasso que todo ato comporta, pondo assim, “em ato” o que estava a propor.

O Não Querer Saber Nada Disso

Quando seguimos tão somente, o fato de que o seminário do ato analítico não teria chegado a uma conclusão por ter sido interrompido e, portanto, disso derivaria certa dimensão de fracasso, talvez não estejamos considerando lê-lo a partir do que foi desenvolvido nos anos seguintes. Isso implicaria uma leitura que confira relevância ao conjunto do ensino lacaniano.

Esta derivação nos parece conseqüente com o recente trabalho do psicanalista argentino Ricardo Goldenberg intitulado *Desler Lacan*. Goldenberg (2019) propõe tensionar os parâmetros de entendimento da obra lacaniana, retirando-os da submissão à cronologia, fazendo uma crítica à tomada dos conceitos pela via da reprodução dogmática, bem como às intenções subjacentes de homogeneização da obra nas traduções oficiais.

Interessa-nos, neste trabalho, explorar o enriquecimento advindo da ideia de ato analítico, propondo percorrer seus desdobramentos no conjunto da teoria a partir da pesquisa

psicanalítica, especialmente naquilo que produz consequências à direção do tratamento; pois, se a mesma implica uma dimensão de fracasso (queda do sujeito suposto saber), não poderíamos dispensar esta formulação sob pena de perder a oportunidade de operacionalizar o movimento inerente à lógica discursiva posta em jogo na interpretação.

É do corte, da escansão, que surge o sujeito do inconsciente e sua produção permite um novo laço com a posição desejante. Em compromisso com o objeto *a*, o ato está na borda, na fronteira, tensionando o limite da linguagem e, por isso mesmo, potencialmente capaz de reorganizar o campo do discurso.

Assim que “desler” as proposições do psicanalista francês, deixando-se passar/atravessar, singularmente, por seus significantes, seria um ato necessário para que pudessemos fazer do campo psicanalítico uma reiteração do fundamental da sua própria *práxis*. Neste sentido, utilizamos as construções teóricas sobre o ato, na medida em que ele pressupõe uma ruptura com o estabelecido. Produzir consequências clínicas implica considerar a proposição para além de uma linearidade temporal e dar destaque justamente, a sua operatividade.

Considerações Finais

Por vezes, vemos referido que a psicanálise tem como orientação posicionar-se na contramão do instituído, deixando cair o excesso de identificações que frequentemente põe o sujeito aprisionado em uma demanda imaginária e alienante. Desde este lugar, pareceu-nos interessante extrair consequências do conceito de ato analítico, por entender que não à toa ocupou quase um ano do ensino de Lacan.

Entendemos que a psicanálise perderia ao não pôr em relevo uma noção que carrega consigo o mérito de permitir formalizar uma parte importante da atuação do psicanalista, qual seja, a intervenção clínica no seu ponto mais fundamental; aquele que produz a oportunidade de ir além do arranjo sintomático já inscrito no sujeito e que subverte sua condição de estrutura apenas como repetição necessária.

Desdobra-se por intermédio da formulação apresentada por Lacan no seminário do ato analítico, a proposição de estrutura enquanto transformação, apontando assim para uma viabilidade de abertura contingencial que implique uma criação, um saber fazer com o sintoma. Seguindo com Morais (2006) quando fala de ato criativo:

A psicanálise, no seu fazer, cria para o analisando a possibilidade de realidades diferentes, de novas invenções de si mesmo. Na escuta do texto (...), o psicanalista cria palavras (e silêncios) com poder de gerar outras palavras, palavras-coisa, que tocam o Real, quebram sentidos e produzem efeitos simbólicos outros, que a repetição do mesmo (Morais, 2006).

Acreditamos que, ao percorrer o caminho trilhado por Lacan neste conceito, somos capazes de incluir a potência transformadora do saber não totalizante acerca do objeto, demarcando, assim, a radicalidade da posição ética que sabemos tão cara à psicanálise e que a inscreve como projeto clínico que considera justamente a perspectiva indeterminada que todo ato comporta.

Referências

- Barbut, M. (1966). Acerca del sentido del término estructura en matemática. (Tradução e notas de Juan Bauzá). *Les Temps Modernes*, 1966 (246), 81-101. Acesso em 29 de junho de 2020, de <http://www.ala letra.com/archivos/barbut--trad-bauza.pdf>.
- Carreira, LB (2014) Ruptura e reinvenção: o que Rimbaud tem a nos dizer sobre o ato. *Revista Opiniões*, 2014 (4), 20-22.
- Dunker, CIL. (2011). *Estrutura e constituição da clínica psicanalítica: uma arqueologia das práticas de cura, psicoterapia e tratamento*. São Paulo: Annablume.
- Goldenberg, R. (2019). *Desler Lacan*. 2ed. São Paulo: Instituto Langage, 2019.
- Kessler, CH. (2009). *A supervisão na clínica escola: o ato no limite do discurso*. [Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)]. <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/17238>
- Lacan, J. (1992). *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar (Original publicado em 1991).
- Lacan, J. (1998). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud [1957]. Em J. Lacan, *Escritos* (pp 496-536). Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar (Original publicado em 1966).
- Lacan, J. (2001). *O ato psicanalítico: seminário 1967-1968*. Inédito. Traduzido para publicação interna pela Escola de Estudos Psicanalíticos.
- Lacan, J. (2003). *O ato psicanalítico*. Em J Lacan, *Outros Escritos* (pp 371-379). Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar. (Original publicado em 2001).
- Lacan, J. (2008a). *A lógica do fantasma: seminário 1966-1967*. Edição não comercial exclusiva para os membros do Centro de Estudos Freudianos do Recife.
- Lacan, J. (2008b). *O seminário, livro 16: de um Outro ao outro*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar. (Original publicado em 2006).
- Morais, MBL (2006) *Poesia, psicanálise e ato criativo: uma travessia poética*. *Estudos de Psicanálise*, 2006 (29), 45-56. Acesso em 13 de junho de 2020, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372006000100008&lng=pt&nrm=iso
- Rimbaud, A. (2003). *Uma razão*. Em Rimbaud, A, *Iluminuras* [1886] (pp 14). São Paulo: Saraiva.
- Torres, R. (2010). *Dimensões do ato em psicanálise*. São Paulo: Annablume.

Citação/Citation: Adami, F. S.; Kessler, C. H.; Dunker, C. I. L. (2022) Sobre a importância da proposição de Jacques Lacan do ato psicanalítico. *Trivium: Estudos Interdisciplinares* (Ano XIV, no. 2.), pp. 27-36.

Recebido: abril de 2021
Aprovado: dezembro de 2022.